



**Covid-19 no Brasil:**  
**Um estudo sobre a polarização política e a empatia em tempos de crise**

**Covid-19 in Brazil:**  
**A study on political polarization and empathy in times of crisis**

Ana Kelli Fonseca<sup>1</sup>

**Resumo:** Buscamos explorar a maneira como a pandemia da Covid-19 expôs e agravou as fragilidades sociais e institucionais no Brasil, destacando a polarização política e a instrumentalização da empatia. O objetivo é compreender como, em muitos casos, a empatia pode exacerbar as divisões sociais e perpetuar o distanciamento entre diferentes grupos, evidenciando como essa dinâmica se tornou ainda mais problemática durante a crise sanitária.

**Palavras-chave:** Polarização Política; Pandemia; Empatia; Desumanização; Guerras Culturais.

**Abstract:** We aim to explore how the Covid-19 pandemic exposed and worsened social and institutional weaknesses in Brazil, highlighting political polarization and the instrumentalization of empathy. The objective is to understand how, in many cases, empathy can exacerbate social divisions and perpetuate the distancing between different groups, emphasizing how this dynamic became even more problematic during the health crisis.

**Keywords:** Political Polarization; Pandemic; Empathy; Dehumanization; Cultural Wars.

---

<sup>1</sup> Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestranda em Comunicação Social pela UFRJ. E-mail: [anakellifons@gmail.com](mailto:anakellifons@gmail.com)



## Introdução

Em seu livro "Ensaio sobre a Cegueira", José Saramago (1995) não acreditava que epidemias pudessem transformar uma sociedade, mas sim nos ajudar a enxergar a verdade (Krastev, 2020). Sua obra nos coloca em um futuro distópico, onde a cegueira funciona como uma metáfora para nos mostrar como uma crise pode afetar as relações humanas, destacando o egoísmo, a falta de empatia e a ineficiência governamental. A pandemia da covid-19 conseguiu revelar muitas dessas questões, uma vez que mostrou como uma emergência de saúde pública pode expor e agravar fragilidades sociais e institucionais que já existiam.

Para entendermos a crise causada pela covid-19, é essencial voltarmos aos anos 1990 no Brasil, período que ficou marcado pelo crescimento do neoliberalismo, principalmente, no governo de Fernando Collor de Mello. A administração do ex-presidente brasileiro propôs diversas medidas, como a criação de uma nova moeda, a privatização de estatais, a abertura do mercado nacional e a implementação de novas leis trabalhistas. Esse modelo baseava-se na ideia de que o indivíduo era o único responsável por seus problemas, o que possibilitou a promoção da meritocracia, da competitividade e da noção de "empreendedor de si mesmo". Como resultado, pudemos perceber uma diminuição da solidariedade e um aumento das desigualdades sociais.

No livro, a personagem "mulher do médico" é a única que continua enxergando e acompanha seu esposo até o manicômio onde o governo isola os doentes. Lá, ela testemunha o impacto da crise nas pessoas: egoísmo, autoritarismo, violência e ganância em meio ao caos gerado pela falta de informação. Durante a pandemia, observamos comportamentos semelhantes, que ilustraram a premissa de Saramago.

Em 2020, percebemos o quanto estamos presos a um modelo que promove um egoísmo que beira a autodestruição. Naturalizamos tanto o sistema neoliberal que nem conseguimos reconhecer seu caráter destrutivo. Na obra de Saramago (1995), o vírus se espalha por todos, democraticamente, mas aqui no Brasil, as desigualdades sociais evidenciaram quem foram os mais afetados. A impossibilidade de isolamento devido à falta de saneamento básico, moradias adequadas, necessidade de trabalhar e a ineficiência do governo em lidar com o problema de



forma responsável, fez com que as classes trabalhadoras negras e pobres fossem as mais prejudicadas, como aponta a pesquisadora Ana Paula Evangelista à Rádio Poli<sup>2</sup>.

Devido à naturalização do neoliberalismo e às declarações do ex-presidente Jair Bolsonaro, muitos que aderiram à lógica do “empreendedor de si mesmo” defenderam a volta à normalidade principalmente por preocupações com a renda. Motoristas de Uber, entregadores e pequenos comerciantes foram severamente impactados, porque o auxílio emergencial só foi aprovado em abril de 2020, no valor de seiscentos reais por mês. Em contrapartida, grandes comerciantes, que também apoiavam a ideia de retornar à normalidade, não queriam perder lucros devido à falta de atividade. Embora pudessem permanecer em isolamento, esperavam que seus empregados, geralmente de classes sociais mais baixas, voltassem ao trabalho para que eles pudessem manter seus ganhos. Esse cenário alimentou o debate polarizado entre “fica em casa” e “volta à normalidade”.

No dia 20 de junho de 2020, o Brasil atingiu a marca de 50 mil mortes causadas pela covid-19. Nesta data, o Jornal Nacional, telejornal de maior audiência no Brasil, apresentou um editorial, utilizando fotos das vítimas e discursos que ressaltavam a empatia e a necessidade de união nacional. William Bonner, âncora e editor chefe do telejornal, durante a exibição do programa, foi enfático ao afirmar que a História atribui tanto glória quanto desonra, referindo-se àqueles que, em vez de contribuir para a contenção do vírus, estavam dificultando os esforços para combatê-lo. Este editorial se tornou tema de discussão no programa televisivo Altas Horas, onde a jornalista Renata Vasconcellos enfatizou a importância da empatia:

“É importante que as divergências existam, sem divergências você não constrói uma nação, mas eu me refiro à empatia, de se colocar no lugar de quem sofre, de quem perdeu um parente. E nós temos isso. A gente tem, o brasileiro tem essa capacidade de se unir na crise e se reconhecer no outro. Então, eu acredito na capacidade do brasileiro de reunir essa empatia”.

Na obra de Saramago (1995), o grupo também se divide em dois: o primeiro segue a base da solidariedade, liderado pela mulher do médico, enquanto o segundo se baseia no egoísmo, com homens que se apropriam da comida enviada pelo governo e a oferecem em troca

---

<sup>2</sup>Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>>. Acesso em: 25 jul. 2024.



de dinheiro ou relações sexuais coercitivas. Assim como na pandemia, podemos perceber a falta do que na contemporaneidade é entendido como empatia, abordada pela Renata Vasconcellos, e o abuso de poder por parte daqueles que usurparam o que naquele momento era mais importante: a comida.

## **1. Metodologia**

A pesquisa busca responder à seguinte questão: até que ponto a empatia individual poderia ser a solução para os desafios enfrentados pelo nosso país durante a pandemia da covid-19? A partir disso, refletiremos sobre essa pergunta por meio de um ensaio teórico sobre o tema em três momentos. Inicialmente, iremos refletir sobre a polarização política e como o fenômeno da simpatia pode amplificá-lo, a partir dos autores David Hume (2009) e Adam Smith (1999). Depois, seguindo a ideia de “empatia cognitiva” defendida pela autora Anna Donise (2020), apresentaremos o contexto no qual o país estava imerso durante a pandemia e como determinada forma de empatia pode ter sido usada como estratégia do governo Bolsonaro. Em seguida, discutiremos sobre os distanciamentos invisíveis vigentes em nossa sociedade e a desumanização do outro causada pela polarização, por intermédio do autor Roman Krznaric (2015).

A metodologia escolhida é bibliográfica, analítica e interpretativa, com o foco na análise e na articulação teórica entre diferentes autores que serão mobilizados ao longo do texto. O trabalho tem como objetivo refletir sobre os limites e as possibilidades da empatia individual como solução aos desafios enfrentados pelo Brasil durante a pandemia da covid-19.

## **2. As guerras culturais e a polarização política**

O conceito de Guerras Culturais surge nos Estados Unidos e refere-se às intensas disputas morais, abrangendo temas como raça, gênero, religião, aborto, a posição da mulher na sociedade, sexualidade, exposições artísticas, entre outros. Este termo, reintroduzido pelo sociólogo conservador James Hunter (1991), descreve a divisão profunda da sociedade causada



por interpretações morais opostas. Assim, essas batalhas culturais geram um elevado nível de polarização, dificultando o debate político (Melo; Vaz, 2021).

Com a formação desses conflitos, ocorre uma mudança na perspectiva política: candidatos começam a incitar a produção de disputas morais como uma estratégia eleitoral. Dessa forma, eles conseguem forçar seus oponentes a adotar opiniões mais radicalizadas, criando uma discussão que envolve toda a nação, onde um lado precisa ser escolhido, caracterizando a polarização política. Antes, o discurso moderado e centrado era visto como necessário para ganhar eleições; agora, as disputas tornaram-se a estratégia predominante.

Segundo os autores Paulo Vaz e Cristina Teixeira de Melo (2021), quando as disputas morais são vistas apenas a partir de duas perspectivas, sem levar em consideração suas nuances e complexidades, fica evidente que a importância não está em tentar resolver ou compreender o assunto, mas sim em obter a vitória sobre a opinião contrária.

A tensão entre grupos que defendem diferentes opiniões, projetos de governo e interesses individuais é inerente ao sistema democrático. No Brasil, durante as décadas de 1980 e 1990, houve mobilizações das centrais sindicais e estudantis, a fim de incentivar parte da população ao engajamento político. Quando o presidente Lula assumiu o poder pela primeira vez em 2002, muitas das demandas desses grupos foram atendidas, o que resultou em um apaziguamento dessas mobilizações. No entanto, com a “revolta dos 20 centavos<sup>3</sup>” que ocorreu em 2013, a dicotomia entre a direita e à esquerda ressurgiu no país (Filho; Modesto, 2021).

Foi a partir desse ressurgimento que a população começou a se mobilizar em torno de reivindicações distintas. Exemplo disso são as campanhas eleitorais presidenciais de 2014 e 2018 que foram marcadas por discursos polarizados, tanto no âmbito dos candidatos quanto no da população. As redes sociais tiveram um papel primordial ao amplificar esses debates, o que intensificou ainda mais as tensões políticas já existentes (Gloria Filho; Modesto, 2021).

Em 2018, o Brasil viveu um ano de eleições presidenciais intensamente marcado por disputas, especialmente no meio digital. Nesse ambiente, desinformações, ataques a jornalistas e teorias conspiratórias foram disseminados de maneira constante, dividindo ainda mais a população entre esquerda e direita. A extrema-direita, liderada por Jair Messias Bolsonaro,

---

<sup>3</sup> Um movimento de protesto desencadeado pelo aumento da passagem de ônibus que se expandiu para abarcar a insatisfação com os gastos da Copa do Mundo de 2014 e as alegações de corrupção na política e no governo de Dilma Rousseff.



fomentou uma dinâmica de medo, na qual ele era apresentado como o "salvador da pátria", reforçando essa imagem até em seu próprio nome.

Bolsonaro utilizou uma estratégia baseada na criação de ameaças que ele poderia supostamente resolver, como no caso da desinformação do "kit gay", em que alegou que a eleição de Fernando Haddad colocaria as crianças em risco. Essa abordagem polarizadora se manteve ao longo de todo o seu governo, com o objetivo de radicalizar ainda mais seus seguidores, mantendo-os leais a ele. Longe de buscar consenso, sua tática era intensificar os conflitos, solidificando o apoio daqueles que o viam como o único capaz de enfrentar a suposta ameaça representada pela esquerda. Essa dinâmica de polarização não só reduz a complexidade dos debates, mas também intensifica o conflito entre diferentes perspectivas, criando um ambiente onde o entendimento se torna escasso. A divisão da sociedade em campos opostos, muitas vezes irreconciliáveis, contribui para a desumanização do "outro" e dificulta a construção de um diálogo produtivo e compreensivo.

A construção desse diálogo, por sua vez, não raro recai sobre a empatia. Seria ela uma resposta possível para a polarização? No senso comum, a empatia é frequentemente entendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro. Para compreender o termo, no entanto, é essencial revisitar seu antecessor, a "simpatia", trabalhada por filósofos, como David Hume (2009) no século XVIII.

Para Hume (2009), a simpatia é uma força involuntária que nos direciona a determinadas ações, sendo quase uma transmissão automática dos sentimentos de uma pessoa para outra. Ele argumenta que a Constituição da Natureza Humana é adaptada para despertar a compaixão e, que quanto mais próximos estamos de alguém, seja espacial ou socialmente, mais facilmente captamos a ideia de seus sentimentos.

Hume (2009, p. 351) ainda sugere que a simpatia é a "propensão que temos para simpatizar com os outros e receber por comunicação, suas inclinações e seus sentimentos". No escopo dessa definição, o fanatismo pode ser entendido como tendo sua origem na simpatia, levando à formação de bolha, através do movimento das multidões. Assim, podemos perceber a simpatia como um princípio que intensifica as paixões; por exemplo, sinto ódio do outro mais por estar envolto pela comunicação do grupo ao qual pertencço do que pelo meu próprio



temperamento. Ou seja, ao estar inserido em um grupo que só propaga difamações sobre o outro, passo a sentir ódio em conjunto com o meu grupo.

Esse fenômeno ocorre quando o ódio e a hostilidade são amplificados pela comunicação dentro do grupo, mais do que pelas disposições individuais. A Teoria da Identidade Social<sup>4</sup> (Tajfel; Turner, 1979) corrobora essa visão, ao afirmar que a identificação com um grupo específico pode gerar sentimentos positivos em relação ao próprio grupo e sentimentos negativos em relação aos grupos adversários, o que reforça a polarização política e social (Gloria Filho; Modesto, 2021).

Apesar de a princípio, portanto, a empatia poder ser defendida como uma solução para a polarização, retornar ao conceito de simpatia, que lhe antecede, nos permite cogitar que esse fenômeno contribui para o cenário de distanciamento dos indivíduos vivido hoje no país. No contexto da pandemia da covid-19, a polarização, embora não tenha surgido com a crise, teve um papel crucial nos eventos que marcaram o Brasil. Hume (2009) sugere que a simpatia é facilitada por fatores como a semelhança entre indivíduos, similaridades peculiares e a proximidade espacial e social. A simpatia, conforme entendida por ele, nos ajuda a compreender tanto a polarização quanto a crise sanitária, pois esses fatores encorajaram ainda mais os indivíduos a se refugiarem em seus próprios grupos, mesmo que a proximidade espacial ocorresse principalmente via redes sociais.

A polarização crescente revela que a simpatia, longe de ser uma solução mágica, pode ser manipulada para reforçar agendas políticas, aprofundando ainda mais as divisões sociais. Portanto, a reflexão sobre a simpatia nos desafia a reconhecer que, em vez de unir, essas dinâmicas podem, em muitos casos, acirrar a polarização e perpetuar o distanciamento entre diferentes grupos sociais.

### **3. A pandemia no Brasil, as estratégias do governo Bolsonaro e a empatia identificativa**

---

<sup>4</sup> Formulada pelos psicólogos sociais Henri Tajfel e John Turner, a Teoria da Identidade Social examina os aspectos psicológicos que formam a coesão de um grupo e o que faz com que ele seja reconhecido como tal por outros. Esses grupos não se limitam a pequenas unidades, mas abrangem escalas maiores, como a identificação entre indivíduos e uma nação, raça ou religião.



Declarada no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia da covid-19 foi responsável pela morte de mais de 700 mil pessoas até então no Brasil<sup>5</sup>. No dia 20 de abril, o ex-presidente deu respostas polêmicas acerca do vírus: “Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo?” - respondeu ao ser questionado sobre a quantidade de mortes por um jornalista. Oito dias depois, o número de óbitos por infecção do coronavírus no Brasil ultrapassou a China. Em entrevista na portaria do Palácio da Alvorada, sua resposta foi: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Além das falas em entrevistas e comitivas de imprensa, Jair Bolsonaro também salientava seu descrédito pelo vírus nas redes sociais. Lá, ele reforçava ainda mais a ideia de desemprego e de falta de renda, devido ao *lockdown*.

No dia 2 de abril de 2020, Bolsonaro, até então presidente, publicou um vídeo em suas redes sociais no qual um homem apontava a falta de abastecimento da Ceasa de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, e culpava os governadores, alegando que eles buscavam “ganhar nome e projeção política à custa do sofrimento da população”. O sofrimento mencionado estava relacionado à possível escassez de alimentos. No mesmo dia, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, desmentiu as alegações do homem. Pouco depois, o vídeo foi apagado das redes sociais presidenciais<sup>6</sup>.

Aqui, podemos observar que o ex-presidente brasileiro emprega a mesma estratégia de Donald Trump nos Estados Unidos ao utilizar a empatia como forma de compreender o outro. Segundo a filósofa Anna Donise (2020), a empatia pode ser dividida em duas partes: empatia identificativa, quando temos a habilidade de reconhecer o que outra pessoa está pensando ou sentindo, e capacidade simpática, quando respondemos aos sentimentos e pensamentos do outro com uma emoção apropriada. Para ela, "todos nós somos empáticos, mas nem todos nós somos bons. Na verdade, a empatia também é necessária para torturadores, sádicos e aqueles que opõem o 'nós' aos 'outros'" (Donise, 2020, p. 2, tradução nossa<sup>7</sup>).

---

<sup>5</sup>Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

<sup>6</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/04/01/ceasa-garante-abastecimento-na-regiao-metropolitana-de-bh.ghtm>. Acesso em: 27 jul. 2024.

<sup>7</sup>No original: L'empatia, infatti, è necessaria anche ai torturatori, ai sadici, a chi – e il mondo contemporaneo, con i suoi muri e le sue derive securitarie ne fornisce innumerevoli esempi – contrappone il "noi" agli altri. Noi non siamo buoni perché siamo empatici ma possiamo diventare migliori conoscendo l'empatia, la sua forza, le sue strategie, i suoi segreti.



Nessa nova definição do termo apresentada aqui, tanto Trump quanto Bolsonaro demonstram a primeira parte, conhecida como empatia identificativa. Eles conseguem imaginar o que o outro está sentindo e, a partir disso, planejam suas estratégias. Por exemplo, durante a pandemia, a principal preocupação de Jair Bolsonaro estava relacionada aos grandes empresários, mas ele também compreendia os pensamentos e sentimentos dos pequenos empreendedores. Ele destacava seus medos, como a falta de renda e alimentação, e assim estimulava e mobilizava o apoio para a volta à normalidade. Dessa forma, ele conseguiu atingir seu objetivo de obter o apoio popular para seus ideais. A utilização da empatia como uma ferramenta política pode criar uma falsa sensação de solidariedade que, no fim ao invés de promover um entendimento genuíno, passa a ser usada para moldar a opinião pública de maneiras que servem a agendas particulares.

A desinformação também foi um marco na crise sanitária de 2020 no Brasil. A divulgação em massa de medicamentos sem comprovação científica de eficácia foi promovida pelo ex-presidente e seus seguidores. Hidroxicloroquina, ivermectina, azitromicina e nitazoxanida foram as quatro medicações que compuseram o “Kit Covid”, amplamente defendido e promovido pela direita. Essa divulgação irresponsável pode ser considerada desumana, pois propunha uma solução rápida e barata para que as classes mais pobres pudessem voltar ao trabalho, negligenciando a saúde e a segurança da população.

“O governo brasileiro apostou em crenças infundadas e na inércia deliberada, que levadas ao extremo, produziram formas de terror. Tudo isso validado e reverberado por sua base fiel de apoiadores. O fanatismo em torno do “é só uma gripezinha”, “a cloroquina cura” ou “a vacina não deve ser obrigatória” levou milhares de vidas à destruição. Quando a morte é banalizada e a piada substitui o senso de dever e responsabilidade “não sou coveiro”, “país de maricas” ou “sou Messias, mas não faço milagres”, a destruição do sujeito se converte em algo aceitável e não lamentável (Butler, 2017)”. (Dibai; D’almonde, 2022, p. 158).

Podemos considerar também o apelo emocional e social relacionado à insistência bolsonarista pela volta à normalidade. Embora a ideia de “morrer pela economia” possa parecer inviável, quando apresentada como um sacrifício pelo bem da nação ou da família, ela se alinha aos fundamentos tradicionais do Estado e da sociedade. A guerra exemplifica isso claramente:



uma minoria, geralmente composta por homens, luta pelo bem coletivo. O sentimento de pertencimento e a percepção de uma ameaça à existência coletiva são cruciais (TOOZE, 2021). Para a direita, o verdadeiro risco não era o vírus em si, mas a falta de renda devido ao *lockdown*, que poderia gerar fome e escassez de alimentos. Por essa lógica, estariam dispostos a arriscar suas vidas.

### **3.1. Os distanciamentos invisíveis e a desumanização**

A crise da covid-19 nos fez lidar com um distanciamento social imposto, medida essencial para conter a disseminação do vírus. Além de seu impacto físico, esse distanciamento também trouxe à tona os distanciamentos invisíveis que já existiam em nossa sociedade. O filósofo australiano contemporâneo Roman Krznaric (2015) defende a empatia segundo o senso comum acerca do termo. Para ele, ela pode ser a solução para diversos tipos de problemas, como violência política e étnica, pobreza e fome, entre outros. Além disso, o autor também enfatiza que a distância social, temporal e geográfica são obstáculos para o desenvolvimento dessa emoção. A distância espacial funciona como uma barreira para a empatia, pois é mais difícil nos importarmos com pessoas cujas vidas são distantes e desconhecidas para nós (Krznaric, 2015). A distância social, por sua vez, indica que a empatia não depende apenas da proximidade física, mas também da conexão social e emocional. Mesmo que alguém more perto de nós, pode ser difícil sentir empatia se essa pessoa estiver socialmente distante (Krznaric, 2015). A distância temporal, por último, refere-se à nossa dificuldade em nos preocupar com gerações futuras. Embora tenhamos costume de nos preocupar com nossos filhos e netos, essa preocupação diminui em relação aos bisnetos e quase se extingue ao pensarmos em pessoas que viverão daqui a 100 anos (Krznaric, 2015).

A partir do pensamento de Krznaric (2015), podemos perceber um desafio fundamental enfrentado durante a pandemia. Conforme o vírus se espalhava globalmente, as medidas de distanciamento e as quarentenas intensificaram o isolamento físico e emocional e evidenciaram as barreiras da empatia. Mesmo quando se fazia presente, a empatia mostrava-se como frequentemente limitada e seletiva, uma vez que tendia a se manifestar mais evidentemente em relação àqueles com quem compartilhamos afinidades ideológicas ou identitárias.



Enquanto aqueles que estavam alinhados com a direita política defendiam o retorno à normalidade, com base e pressupondo uma empatia relacionada às preocupações sobre a economia, os que se alinhavam com a esquerda salientaram a gravidade do vírus e a necessidade de medidas rigorosas para a proteção coletiva. Essa polarização foi capaz de gerar a desumanização, que pode ser entendida como a deslegitimação de um grupo, que serve para “justificar agressões, tratamento desumano e violência bem como explicar a superioridade de um grupo frente a outro” (Gloria Filho; Mario, 2022, p. 16). Mas, para compreendermos o que significa desumanização, precisamos considerar o que é negado ao outro: a humanidade.

O que significa então ser humano? Características unicamente humanas (UH) são definidas como aquelas que nos diferem de animais, são exclusivas do humano, como cognição avançada, autocontrole, civilidade e refinamento. Elas são frequentemente associadas a uma ideia mais racional e intelectual do que significa ser humano. Já as características de natureza humana (HN) são universais e intrínsecas aos humanos, compartilhado por todos, independente da sua cultura ou contexto social, alguns exemplos são: capacidade e profundidade emocional, conectividade social e empatia. Elas têm relação com os aspectos emocionais e afetivos humanos, o que reflete em nossa capacidade de sentir, relacionar-se e conectar-se com os outros (HASLAM, 2006). A desumanização ocorre quando as pessoas deixam de reconhecer a humanidade dos outros, tratando-os como se fossem menos dignos de consideração e/ou preocupação. Isto foi ainda mais acentuado no momento de crise, em que a preocupação com lucros em detrimento da vida ocasionou a propagação intencional de informações falsas pela pessoa que naquele momento deveria ser nossa figura de responsabilidade e proteção.

É importante destacar que, para Hume (2009), a simpatia também é condicionada pela percepção de humanidade. Se eu simpatizo com alguém, é porque considero essa pessoa como humana; se não simpatizo, é porque a vejo como não humana. Esse conceito revela uma questão racial significativa: nas relações de simpatia propostas por ele, elas eram predominantemente direcionadas a indivíduos brancos, excluindo ou desconsiderando os negros. Muitas vezes, a figura do negro era percebida como inferior, não apenas em relação aos brancos, mas até em comparação com outras espécies. Assim, o negro frequentemente não era contemplado pelos sentimentos de simpatia, refletindo e perpetuando uma visão racialmente excludente.



Adam Smith (1999) em “Teorias dos Sentimentos Morais”, afirma que para que haja a simpatia perfeita, a pessoa deve demonstrar de forma correta o que sente e o espectador deve saber o contexto para a causa daquele sentimento. Ele, assim como Hume (2009), defende uma simpatia entre iguais. Segundo ele, é impossível sentir a simpatia perfeita pelos pobres, pela pobreza e pelos miseráveis. Nosso julgamento é mais severo por uma simples falha do pobre do que pelas loucuras e vícios dos ricos, pois eles são objetos da nossa admiração (SMITH, 1999). Ou seja, a simpatia falha onde ela é mais necessária. Dado que as pessoas mais afetadas pela covid-19 eram, em sua maioria, pobres e negras, fica evidente que a visão de simpatia proposta por Hume (2009) e Smith (1999), que desumanizava e excluía os pobres e, racialmente, os negros, ainda persiste em nosso país.

Portanto, a empatia individual demonstrou-se insuficiente para enfrentar os desafios complexos e estruturais trazidos pela pandemia. Além de seu caráter seletivo, que frequentemente favorece determinadas classes sociais e ignora questões raciais, a empatia não pode ser considerada uma solução para os problemas sociais em nossa sociedade. Embora o termo seja amplamente associado a algo positivo na contemporaneidade, é crucial refletirmos sobre suas nuances. Afinal, a empatia também pode ser utilizada como uma estratégia para moldar a opinião pública em favor de agendas políticas, agravando cenários como o de 2020.

### **Considerações finais**

Ao revisitar a questão da empatia pelo viés da pandemia da covid-19 e da polarização, é possível reconhecer que ela, apesar de ter sido amplamente valorizada como uma virtude que promove a compreensão e a solidariedade, também pode ter implicações ambíguas e, às vezes, problemáticas. A análise do seu papel no momento da crise sanitária pode revelar que, em vez de ser uma solução mágica para os desafios enfrentados, ela pode, em determinados contextos, agravar as divisões sociais e políticas.

A empatia, conforme discutida por Roman Krznaric (2015), é frequentemente limitada pela distância social e emocional. A dificuldade em se conectar com o sofrimento de grupos distantes ou aqueles que não compartilham afinidades ideológicas revelou as suas barreiras durante a pandemia. Em um contexto polarizado, ela tende a ser seletiva, muitas vezes restrita



aos grupos com os quais temos maior afinidade, enquanto os sentimentos de outros grupos podem ser ignorados ou minimizados.

Ademais, ela também pode ser instrumentalizada para fins políticos, como foi identificado pelas estratégias empregadas por líderes como Jair Bolsonaro. O uso da empatia identificativa para mobilizar apoio político, enquanto ao mesmo tempo se negligencia a realidade das condições adversas enfrentadas por muitos, exemplifica como a empatia pode ser manipulada para fortalecer agendas particulares e perpetuar divisões.

Já o conceito de simpatia, explorado por David Hume (2009), oferece uma perspectiva adicional, destacando como a proximidade e a comunicação dentro de um grupo podem amplificar emoções e reforçar divisões. A simpatia, ao intensificar as emoções compartilhadas dentro de um grupo, pode contribuir para o fanatismo, exacerbando ainda mais as tensões entre diferentes grupos sociais. Essa amplificação de emoções através da simpatia pode, portanto, explicar parte da dinâmica de polarização que vimos durante a pandemia.

Em suma, a análise revela que, longe de ser uma panaceia, a empatia pode tanto ajudar quanto complicar a resolução de conflitos e crises. Assim, é crucial adotar uma abordagem crítica em relação à ela, reconhecendo tanto suas limitações quanto suas potencialidades de manipulação. Além disso, estudos futuros podem ser feitos, a fim de analisar mais aprofundadamente o papel da mídia na construção ou fragmentação da empatia e na intensificação da polarização durante a pandemia.<sup>8</sup>

### Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DIBAI, P.; D'ALMONTE, E. A militância bolsonarista em redes online: polarização afetiva e os impactos à comunicação democrática. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 142–168, 2022. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27892](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27892). Acesso em: 1 ago. 2024.

DONISE, Anna. **Critica della ragione empatica**: fenomenologia dell'altruismo e della crudeltà. Bologna: Il Mulino, 2020.

EVANGELISTA, Ana Paula. Negros são os que mais morrem por Covid-19 e os que menos recebem

---

<sup>8</sup> Para o aprofundamento desse debate, é possível recorrer aos trabalhos de autores como Freire Filho, Manuel Castells e Dominique Wolton, uma vez que suas obras contribuem para a compreensão do impacto da comunicação em contextos de crise.



vacinas no Brasil. Entrevista concedida à Rádio Poli. **Podcast da EPSJV/Fiocruz**, 2021. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>. Acesso em: 25 jul. 2024.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade – emoções, gênero e poder. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 61–81, jan./abr. 2017.

FREIRE FILHO, João; ANJOS, Júlia dos. Comunicando o incomunicável? Mulheres com endometriose, assimetrias e limites da empatia. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 522–537, 2024. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/4208>. Acesso em: 25 jul. 2024.

GLORIA FILHO, Mário da Cruz. **Polarização política afetiva, empatia, desumanização explícita e ideologia política**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: [http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/45010/1/2022\\_M%3%a1riodaCruzG1%3%b3riaFilho.pdf](http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/45010/1/2022_M%3%a1riodaCruzG1%3%b3riaFilho.pdf). Acesso em: 24 jul. 2024.

GLORIA FILHO, Mário da Cruz; NUNES MODESTO, J. G. Polarização política afetiva e bem-estar subjetivo no contexto político brasileiro. **Psico**, [S. l.], v. 54, n. 1, p. e39825, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39825>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/39825>. Acesso em: 24 jul. 2024.

HASLAM, Nick. Dehumanization: an integrative review. **Personality and Social Psychology Review**, v. 10, n. 3, p. 252–264, 2006. Disponível em: [https://www.overcominghateportal.org/uploads/5/4/1/5/5415260/dehumanization-\\_an\\_integrative\\_review.pdf](https://www.overcominghateportal.org/uploads/5/4/1/5/5415260/dehumanization-_an_integrative_review.pdf). Acesso em: 25 jul. 2024.

HUME, David. **O tratado da natureza humana**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KRASTEV, Ivan. **Is it tomorrow yet?**. [S. l.]: Penguin, 2020.

KRZNARIC, Roman. **O poder da empatia**: como colocar-se no lugar do outro pode transformar o mundo. São Paulo: Cultrix, 2015.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo. Guerras culturais: conceito e trajetória. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 6-40, 2021. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27791](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27791). Acesso em: 24 jul. 2024.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOOZE, Adam. **Portas fechadas**: como a Covid abalou a economia mundial. São Paulo: Todavia, 2021.

VASCONCELLOS, Renata. Participação no programa *Altas Horas*. Entrevista concedida a Serginho Groisman. São Paulo: TV Globo, 18 jul. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8692305/?s=0s>. Acesso em: 6 maio 2025.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. Lisboa: Editorial Presença, 2000.